

## Fredric Jameson abre o *Fronteiras do Pensamento* em Porto Alegre

por Sonia Montañó

O *Fronteiras* abriu sua 5ª edição, dia 23 de maio, em grande estilo e com o Salão de Atos da UFRGS lotado. A saudação musical feita pela pianista Simone Leitão, apresentando a Sonata número 2 do compositor russo Sergei Rachmaninoff escrita em 1913, antecipou a intensa atividade imaginativa e intelectual que viria com a presença do conferencista, Fredric Jameson, crítico literário norte-americano.

O apresentador da noite, o jornalista Tulio Milman, convidou ao palco o reitor da UFRGS, Carlos Alexandre Netto, o prefeito da cidade, José Fortunati, e o governador do Estado, Tarso Genro, que deram as boas-vindas aos participantes e comemoraram mais uma edição do evento. “O acúmulo democrático em nosso país traz eventos extraordinários como este. Empresas de grande importância no cenário regional e nacional promovem um evento dessa envergadura num momento em que muitos países europeus enfrentam dificuldades extraordinárias provavelmente porque não refletiram suficientemente sobre seu futuro”, salientou o governador.

Maria Elisa Cevasco, professora da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, foi mediadora do debate e apresentou o conferencista da noite, cuja erudição impressionou os participantes. Fredric Jameson abordou as características da pós-modernidade como a abolição do tempo pelo espaço e a transformação de objetos em eventos, isto é, as mudanças nos modos de produzir e consumir a arte. Ele analisou os três estágios do capitalismo com um desenvolvimento cíclico: a implantação do capitalismo, o desenvolvimento e a saturação (com especulação financeira).

### A estética da singularidade

Fredric Jameson iniciou sua fala defendendo que a melhor designação da estrutura do presente é a pós-modernidade, e caracterizou esse tempo nas mais diversas áreas da vida cultural e social. A característica básica do pós-moderno seria a substituição do tempo pelo espaço. O tempo é abolido e a realidade política e estética do espaço ultrapassou a ênfase modernista sobre o tempo.

Para o autor, o principal fenômeno espacial é a globalização. Pós-modernidade e globalização são a mesma coisa, a pós-modernidade é a face cultural da qual a globalização constitui a infraestrutura, a realidade econômica.

### Arte e estética

Conforme o conferencista, o pós-moderno implica um debate sobre as singularidades e sobre seu oposto, os universais. Na arte, os universais são chamados gêneros, e o modernismo destruiu os universais genéricos e criou obras que fossem únicas, singulares, textos dificilmente classificáveis sob a ótica do gênero. O modernismo, então, já era nominalista em seu estilo e quis colocar objetos únicos no lugar da repetição padronizada de formas físicas específicas. Embora em si próprios estejam esgotados, no nível da cultura de massa esses universais genéricos continuam a ser praticados na TV, nos romances populares e nos filmes. O modernista aspira realizar uma obra singular.

Tínhamos duas premissas no modernismo que foram descartadas no pós-modernismo: 1) A criação de uma obra no modernismo é também a criação de estilo. O estilo é singular em relação à obra repetível. Quando as possibilidades de novos estilos estiverem esgotadas, então o modernismo entrará em crise terminal. 2) Por outro lado, há uma espécie de religião da arte, a percepção de que a arte é uma vocação total, autônoma em si mesma. O pós-modernismo, então, descarta ambas as premissas.

### Os objetos da arte: eventos em lugar de obras

Olhando o objeto em si, muitos críticos falaram da volatilização do objeto de arte. Significa o fim dos produtos mais antigos como o quadro a óleo ou a estátua. Haveria a primazia da instalação, que inclui uma série de objetos diferentes. Nenhum desses objetos é o objeto da arte, a arte está na combinação, na relação deles. Ela é espaço e não presença. O artista pós-moderno aspira produzir não um objeto, mas sim uma estratégia de produção ou uma “receita”. A instalação é uma desintegração do antigo sistema clássico das belas artes. No pós-moderno as artes se fundem, recorrendo uma a outra em simbioses novas e inesperadas. A fotografia era prima pobre da literatura e se tornou importante na pós-modernidade, mas passando por hibridizações e enxertos com outras artes. A fotografia é uma abstração do visual, do tátil e do corpóreo, essa abstração é própria do pós-moderno.

### A hibridização da arte

Haveria nas artes pós-modernas o desaparecimento das vanguardas como tais e o enfraquecimento das estruturas coletivas e da política partidária, porque ambas tinham uma relação estreita na modernidade. Mas, conforme Jameson, alguma coisa tomou o lugar das vanguardas no cenário atual. Para explicar essa afirmação, o conferencista voltou à instalação, típica expressão pós-moderna da arte. Para ele, podemos ver como o conjunto de artigos heterogêneos tem seu macro equivalente no museu contemporâneo com suas mostras e exposições temáticas. A vanguarda coletiva foi substituída pela figura singular do curador.

### Arte e ideias

A instalação não é feita para a posteridade e sim para o agora. Por isso ela é uma estratégia para produzir um evento. Mas que espécie de eventos eles são? Eles estão perpassados de tecnologia. Atualmente, junto com as tecnologias consumimos seu valor de troca e sua essência simbólica, como antes era consumido o automóvel. Consumimos a própria forma da comunicação. Já com o livro era possível consumir a ideia do livro com a mesma satisfação com que se consumiria o livro real em si. A ideia é uma espécie de descoberta técnica ou invenção. A arte atualmente é gerada por uma ideia brilhante que combina forma e conteúdo, e pode ser repetida infinitamente até que o nome do artista assuma uma espécie de conteúdo próprio. Os artistas atuais criam a partir de ideias e não de outras obras, inspiram-se em leituras de Baudrillard, Deleuze ou quem for. Por isso a obra é mais a sua ideia. Consumimos não aquela obra e sim a ideia da obra, que é mistura de teoria e singularidade. A consumimos como ideia, é um processo teórico, e não uma presença sensorial, e cada artefato reinventa a própria ideia de maneira singular.

## Da cozinha ao mercado financeiro

Um exemplo de evento estético pós-moderno é a cozinha. A chamada cozinha molecular tem 35 pratos com aparência estranha. Eles não são mais objetos naturais, ou realistas, são abstrações do natural. O texto do aspargo, ou da berinjela, ou do caqui, foi separado do corpo natural e encarnado numa nova textura e forma. Essa forma é importante em si mesma. Cada novo prato não só corresponde a uma receita escrita, os pratos são fotografados e a imagem, preservada. Você consome, então, o prato junto com a ideia. Você consome a combinação de elementos. São lanches de astronautas que escaparam do domínio do universal e seu sistema de nomeação, sendo que no modernismo as comidas ainda eram classificáveis como: frutos do mar, carne, verduras, temperos etc.

O efeito de singularidade artística pós-moderna está também na economia. O mercado financeiro se inspira no mercado de arte, expressa-se no instrumento financeiro singular chamado derivativo, um tipo de contrato no qual se estabelecem pagamentos futuros cujo montante é calculado a partir de uma variável. É resultado da situação da globalização em que múltiplos determinantes em constante modificação, ritmos e velocidades permanentes tornam problemática qualquer estrutura estável. Tudo é possível agora, contanto que assuma condição efêmera e dure um breve período de tempo. Evento e não objeto durável, o capital financeiro passa por um processo de abstração. O derivativo, então, é um evento singular mais do que um contrato, e até foi chamado de equivalente financeiro da bomba atômica. Como exemplo, o conferencista imaginou uma empresa norte-americana que faz um contrato para fornecer 10 milhões de aparelhos celulares para uma sede brasileira de uma empresa sul-africana. A arquitetura interior será produzida por uma empresa italiana, seu revestimento por uma empresa japonesa e outra mexicana. Temos aqui pelo menos seis moedas diferentes e suas taxas de câmbio estão em fluxo constante. As relações entre as taxas devem ser garantidas por uma espécie de seguro. Esse conjunto de seguros faz aquele instrumento financeiro. Nunca há um derivativo igual a outro. É difícil regular a dinâmica desse tipo de instrumento.

A partir do conceito de singularidade há também a transformação da subjetividade, da política e da própria cultura. Há, na base disso tudo, segundo Jameson, uma filosofia ligada a um antiessencialismo e a um antifundacionalismo. Isto é, a luta contra qualquer ideia normativa da natureza humana e o repúdio de qualquer sistema metafísico último ou definitivo. Todos esses princípios já estavam inclusos no essencialismo sartreano. A filosofia pós-moderna é mais um sintoma da pós-modernidade.

A distância espacial é, agora, a da simultaneidade temporal. Nunca antes uma sociedade teve uma percepção tão efêmera de seu passado. Ninguém mais acredita na transformação da sociedade a longo prazo, o presente está encerrado, o passado não existe e o futuro é visto como desastre ecológico. Essas seriam algumas das consequências da primazia do espaço sobre o tempo.

Com isso, a política pós-moderna é essencialmente uma tomada de território. Basta pensar na ecologia, nas florestas, ou na Palestina, nas grandes cidades, favelas e periferias. Tudo tem a ver com a comoditização da terra, últimos resquícios do feudalismo. O tempo está na instantaneidade do telefone celular e da mensagem de texto usados pela multidão, a política é a política do instante.

## Debate

O conferencista encerrou sua fala e respondeu às perguntas do público e da debatedora. Foi perguntado sobre a nova política das identidades e dos direitos dos grupos, as implicações para a justiça e o direito de situações que não podem ser reguladas e sobre a possibilidade dele próprio ter uma visão conservadora da arte. Além disso, houve perguntas sobre pós-modernidade e música e sobre a globalização como um momento realmente diferente dos seus precedentes.

Entre outras questões, Fredric Jameson lembrou de experiências políticas mais recentes a partir dos levantes em Seattle e mostrou a crise da política partidária, que se transforma num tipo de poder constituído após a emergência de uma subjetividade de massas. Trata-se de um fenômeno político novo.

O conferencista também esclareceu que suas constatações sobre a pós-modernidade tentam descrever uma realidade e não fazer uma avaliação ou julgamento. Alguns o interpretam como entusiasta e outros como crítico desse tempo.

Para ele, o acontecimento música se espacializou, as pessoas vivem dentro da música. Em relação à globalização como tempo realmente distinto, Jameson disse conhecer bem os argumentos de que sempre houve a globalização. É verdade que encontramos artefatos asiáticos na costa americana ou africana há muito tempo, mas a prova de que o presente é um tempo diferente é a transformação da experiência humana.